

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
DUPLOE E GÉMEOS
20 de outubro de 2020

STOLEN FACE / 1952 (*A Máscara do Desejo*)

um filme de Terence Fisher

Realização: Terence Fisher / **Argumento:** Martin Berkeley e Richard H. Landau / **Fotografia:** Walter Harvey / **Montagem:** Maurice Rootes / **Música:** Malcolm Arnold / **Intérpretes:** Paul Henreid (Dr. Philip Ritter), Lizabeth Scott (Alice Brent, Lily-B), Mary Mackenzie (Lily-A), André Morell (David), John Wood (Dr. Jack Wilson), Susan Stephen (Betty), Arnold Ridley (Dr. Russell), Everley Gregg (Lady Haringay), Cyril Smith (Alf), Janet Burnell (Maggie), etc.

Produção: Anthony Hinds, para Hammer-Lippert-Exclusive Studios/ **Cópia:** 16mm, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 73 minutos / **Estreia Mundial:** Junho de 1952 / **Estreia em Portugal:** Éden, em 29 de Julho de 1955.

So Long at the Fair foi o último filme de Terence Fisher para as companhias subsidiárias de Arthur Rank. As provas dadas pelo realizador, de inteligência, rapidez de trabalho e economia de meios garantiam-lhe uma promissora carreira na *major* britânica. Porém, a forma como o sistema de produção evoluía ia coarctando a pouco e pouco a independência, impondo métodos de trabalho que pouco lhe interessavam (e a eternizar-se na realização a dupla Fisher-Anthony Darnborough seria inevitável uma subalternização do primeiro dada a qualidade de produtor do segundo). Fisher preferiu outros caminhos que o levaram a assinar um contrato, em 1951, com uma pequena companhia, a Hammer, mantendo ainda a possibilidade de trabalhar para outros produtores. Aliás, a transição de Fisher faz-se exactamente com um filme independente, produzido por Lance Comfort (também conhecido como realizador), **Home to Danger**, que nada acrescenta à obra de Fisher, sendo mesmo um dos seus trabalhos mais desinteressantes. Muito diferente é o que faz a seguir, e que é também o primeiro para a Hammer, **The Last Page**, um excelente thriller (com argumento de Frederick Knott, que foi também que escreveu o de **Dial M For Murder/Chamada Para a Morte**, de Hitchcock). De **Wings of Danger**, outra lacuna, não reza a história, mas logo a seguir faz aquele que talvez seja o seu melhor filme para a Hammer antes do ciclo de terror, **Stolen Face**.

A Hammer encontrava-se aliada à companhia americana Lippert, que se encarregava da distribuição dos filmes nos EUA. Para isso precisavam de vedetas conhecidas para venderem o produto, e baratas por se encontrarem em declínio de popularidade. Em **Stolen Face** vamos encontrar duas, Paul Henreid (o Laszlo de **Casablanca**) e Lizabeth Scott (um dos rostos carismáticos do filme negro), que se juntam a nomes como George Brent e Marguerite Chapman (**The Last Page**), Barbara Payton (**Four-Sided Triangle**), Zachary Scott (**Wings of Danger**), Howard Duff (**Spaceways**), Tom Conway (**Blood Orange**), Alex Nicol (**Face the Music**) e Dane Clark (**Murder by Proxy**), Paulette Goddard (**The**

Stranger Come Home) e Richard Conte (**Mask of Dust**), para falarmos apenas dos que trabalharam às ordens de Fisher.

Stolen Face é, como já dissemos, um dos melhores filmes de Fisher deste período. Nele se vão apurando e aperfeiçoando certas características e temas que o realizador terá oportunidade de explorar a fundo nos filmes de terror. Aqui encontramos o cientista obcecado pelo seu trabalho, num processo que o levará a subverter as regras morais. Ritter (Paul Henreid) é um cirurgião plástico que trabalha generosamente para os necessitados e (presume-se) faz-se pagar bem pelos ricos. Duplicidade semelhante é a de Frankenstein em **The Revenge...** com as duas clínicas do barão (uma para pobres e outra para ricos), servindo a segunda como meio de financiar a primeira. Só que esta lhe serve de matéria-prima para as suas outras experiências. Não é, evidentemente, o caso de Ritter, mas acaba por andar lá por perto, porque é nessa qualidade que ele vai buscar (à cadeia) o corpo onde irá restaurar a cara da mulher amada que o abandonara. Ritter tinha, então, uma teoria: a de que um corpo deformado, devido à repulsa que pode provocar, levando ao isolamento da pessoa, cria uma personalidade agressiva (pela necessidade de se defender do exterior), que leva-a para o caminho do Mal (a personagem de Lily assim o confirma quando responde à primeira proposta de Ritter para a operar). Devolvendo ao rosto a beleza original, a «mancha» do Mal desapareceria. O tema já servira de inspiração na década anterior para **A Woman's Face** de George Cukor, sintomaticamente intitulado entre nós como **A Cicatriz do Mal**, que por sua vez se inspirava num dos primeiros filmes com Ingrid Bergman, feito na Suécia. **Stolen Face** vai mais além desta perspectiva, na medida em que denuncia o erro da teoria ao mostrar como a personagem de Lily, com o rosto de Alice, mantém os mesmos vícios. O rosto bonito não corresponde, no cinema de Fisher, à perfeição moral, e o realizador desenvolverá este tema de forma mais radical numa das suas obras primas, **The Two Faces of Dr. Jekyll/As Duas Faces do Dr. Jekyll**. Ritter é também uma espécie de Pigmalião (aliás o genérico usa o esboço do busto que mais tarde serve de guia para Ritter proceder à operação) contra o qual a sua «criação» se rebela. Também aqui surge o tema de Frankenstein e da sua criatura.

Mas talvez o que mais nos espante hoje em dia seja este processo de transformação e a obsessão de Ritter. Porque é exactamente o mesmo tema que Hitchcock desenvolverá seis anos depois em **Vertigo/A Mulher Que Viveu Duas Vezes**, com a diferença de que se trata, em **Stolen Face**, de duas mulheres diferentes que Ritter junta numa só imagem. Mas as aproximações entre os dois filmes são ainda mais curiosas nas cenas da "educação" de Lily como Alice, em particular naquela em que Ritter escolhe a roupa de Lily na loja e quando a leva à ópera (que corresponde ao restaurante no filme de Hitchcock). É certo que a história é outra, mas a obsessão de Ritter por Alice está ao nível da de Scottie por Madeleine. E temos, inclusive, o final quase em suspenso. Lily cai também, como Madeleine, mas do comboio, não da torre, e o plano final mostra-nos Ritter e Alice (o inevitável *happy end*) afastando-se no local da tragédia numa quase escuridão.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico